

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HOMENAGEM A
IRENE RAMALHO SANTOS

THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA
GRAÇA CAPINHA
JACINTA MATOS
ORGANIZAÇÃO

**FALTA UMA CITAÇÃO DE SÉNECA:
SOBRE UM PRETENSO POEMA PARA CRIANÇAS**

Jerónimo Pizarro

Resumo: Há um célebre poema de Fernando Pessoa que anda há muito tempo “perdido” em livros para crianças, embora tivesse sido censurado em 1935 e fosse o primeiro poema antissalazarista desse ano. Trata-se de “Liberdade”, que continua a ser reeditado com alguns erros de transcrição e de contextualização em diversos lugares.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; “Liberdade”; Séneca; Salazar; Manuela Nogueira; Luís Prista; José Barreto.

Abstract: There is a famous poem by Fernando Pessoa which may be found in children’s books, even though it was censored in 1935 and was the first anti-Salazarist poem to appear that year. Its name is “Liberty”, and it continues to be re-edited with some transcription and contextualization mistakes in several places.

Keywords: Fernando Pessoa; “Liberdade”; Seneca; Salazar; Manuela Nogueira; Luís Prista; José Barreto.

Há um poema de Fernando Pessoa que recentemente incluí numa antologia de 18 poemas (*Todos los sueños del mundo*, 2012) e que já antes apresentei numa exposição (“Fernando Pessoa: el mito y las máscaras,” 2011), porque se trata de um poema que sempre considere um dos grandes poemas ortónimos, embora não dispusesse ainda dos dados para o compreender plenamente e embora não seja um poema propriamente musical e da mesma índole das composições mais simbolistas do livro *Cancioneiro*, obra que Pessoa tanto projetou e nunca publicou. Falo do poema “Liberdade”, escrito no ano da morte do poeta, 1935, que começa com uma mnemónica remetendo para uma citação inexistente: “(falta uma citação de Séneca)”. A maioria das edições, incluindo a edição crítica, omite essa nota, porque não sendo parte do poema, mas apenas “uma marcação que o poeta substituiria pela efetiva epígrafe” (Prista, *apud* Pessoa 2000: 441), parece carecer de interesse. Eu próprio imaginei outrora um jogo, e sugeri, numa nota, que a ausência dessa citação podia ser interpretada como um gesto de liberdade: “poderia ser um vazio deliberado, uma das ‘liberdades’ do autor de ‘Liberdade’” (Pessoa 2012: 129). E durante algum tempo, atendendo à minha perplexidade, utilizei-me do poema de 16 de março de 1935 para discutir com os meus alunos essa famosa tríade da crítica literária que Umberto Eco revisitou: a intenção do autor, a intenção do texto e a intenção do leitor (Eco *et al.*). Qual seria, perguntava, o sentido do poema, quer pensando no autor, quer pensando no texto, quer pensando no leitor? E sempre nos quedámos sem uma boa explicação para essa nota introdutória que todos supúnhamos, como Luís Prista, ser uma “nota para posterior substituição pela verdadeira epígrafe, alguma frase de Séneca que o poeta viesse a lançar ainda” (Prista 220).

Relembro aqui o poema, repondo essa indicação que tantas edições rasuraram:

LIBERDADE

(falta uma citação de Sêneca)

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
O sol doura
Sem literatura.
O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tam naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa.

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quando ha bruma,
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças. . .
Mas o melhor do mundo são crianças,
Flores, musica, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca. . . (118-55)¹

Este poema parece convidar ao ócio, menosprezando o estudo, ao mesmo tempo que sugere, num tom que muito lembra a poesia de Alberto Caeiro, que “O sol doura | Sem literatura,”² motivos pelos quais eu sempre apreciei discutir estes versos com os estudantes de literatura. Sempre nos detínhamos nas herméticas referências a D. Sebastião e a Jesus Cristo, e muitas interpretações do poema baseavam-se na redenção e no messianismo. Alguns alunos punham ênfase no mundo da infância e “rendiam-se,” tal como Manuela Nogueira, sobrinha de Pessoa, a um verso do poema, “Mas o melhor do mundo são crianças,” que parecia a epígrafe perfeita para um livro dedicado à infância. Foi, de resto, Manuela Nogueira que intitulou uma antologia de pretensos poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância com a frase: *O Melhor do Mundo são as Crianças* (1998),³ acrescentado o artigo definido antes de “crianças” que não existe no verso original, tal como Luís Prista assinalou (222). Mas seria o poema uma celebração da infância e essas referências mais

¹ No verso da folha figuram duas notas: “Quando essa typa William Shakespeare | Ia a cambalear p’ra casa” e “There is no reason to suppose that I am worse. . .” (118-55^v).

² “Doura” ou “doira”. Nos testemunhos autógrafos figura “doura”, embora o dactiloscrito citado já contivesse formas menos arcaizantes: “biblioteca,” “Cristo,” “indistinta,” “literatura” e “crianças” *versus* “biblioteca,” “Christo,” “indistincta,” “literatura” e “creanças;” e, ainda, “coisa,” contra “cousa” (*apud* Prista 220-221).

³ Na primeira parte do livro, a autora faz uso, “sem nunca a citar,” como explica de forma pormenorizada Luís Prista (221-222), de “uma colectânea brasileira de dez poemas que Fernando Pessoa escreveu pensando nas crianças;” trata-se da antologia organizada por João Alves das Neves, *Comboio, Saudades, Caracóis*, com desenhos de Cláudia Scatamacchia e publicada em São Paulo por FTD em 1988. A segunda edição de *O Melhor do Mundo são as Crianças* (1998) intitula-se *O Meu Tio Fernando Pessoa* (2015) e também contém, na p. 66, o poema “Liberdade.”

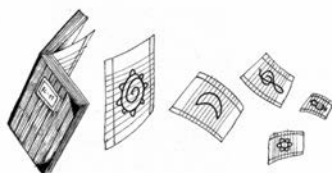
cultas ao sebastianismo e ao cristianismo simples alusões que qualquer criança portuguesa poderia entender? Até onde pode ir, aliás, a liberdade de um crítico, quer seja mais conservador, como Eco, ou mais irreverente, como Derrida?

Curiosamente, na esteira de Manuela Nogueira, muitos outros compiladores incluíam o poema “Liberdade” em seleções de poemas para crianças. O poema figura em, pelo menos, quatro livros que hoje fazem parte da biblioteca da Casa Fernando Pessoa, como José Correia me informou em 2014:⁴

FERNANDO PESSOA - O MENINO DA SUA MÃE

Liberdade

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
O sol doira
Sem literatura.



O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

78

⁴ Manuela Nogueira. *O Melhor do Mundo são as Crianças. Antologia de poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998, 7; Amélia Pinto Pais. *Fernando Pessoa, O Menino da sua Mãe*. Porto: Ambar, 2007; Porto: Areal Editores (com novas ilustrações), 2011, 78-79; José António Gomes. *Poesia de Fernando Pessoa Para Todos*. Ilustrações de António Modesto. Porto: Porto Editora, 2008, 21; Manuela Júdice. *O Meu Primeiro Fernando Pessoa*. Ilustrações de Pedro Proença. Lisboa: Dom Quixote, 2007 s/n.º de pp.

Para ganhar a vida, Fernando Pessoa trabalhava em escritórios a escrever cartas em inglês e a fazer traduções. Mas isto não era coisa de que gostasse muito.



Liberdade

*Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada.
Estudar é nada.
O sol doira
Sem literatura.*



*O rio corre bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...*

(Ilustrações respetivamente em Pais 2011 e Júdice 2007)

LIBERDADE

(falta uma citação de Seneca)

Ai que prazer
 Não cumprir um dever,
 Ter um livro para ler
 E não o fazer!
 Ler é maçada,
 Estudar é nada.
 O sol doura
 Sem literatura.
 O rio corre, bem ou mal,
 Sem edição original.
 E a brisa, essa,
 De tão naturalmente matinal,
 Como tem tempo não tem pressa.

Livros são papéis pintados com tinta.
 Estudar é uma coisa em que está indistinta
 A distinção entre nada e coisa nenhuma.

↑

Quanto é melhor, quando ha bruma,
 Esperar por D. Sebastião,
 Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...
 Mas o melhor do mundo são crianças,
 Flores, musica, o luar, e o sol, que peca
 Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto
 É Jesus Cristo,
 Que não sabia nada de finanças
 Nem consta que tivesse biblioteca...

FERNANDO PESSOA

16-3-1935.



Testemunho dactilografado do poema "Liberdade"
 (Pessoa 2000: 194-195; cota 118-55r)

Os meus alunos, confesso, sempre ficavam um tanto perplexos quando eu, a certa altura, explicava que o poema fazia parte de muitos livros para crianças publicados nos países de língua portu-

guesa, pois nem todos consideravam o poema infantil e adivinhavam nele alguma ironia. Qual seria a leitura mais correta de “Liberdade”? Nunca chegávamos a um consenso, nem tínhamos de chegar.

Há alguns meses revi um documentário (*Poesia de Segunda Categoria*, 2012) acerca do prémio de segunda categoria que o governo de António de Oliveira Salazar concedeu a *Mensagem* (1934), o único livro publicado em vida por Fernando Pessoa – os *English Poems* são muito pequenos para tecnicamente serem considerados um livro – e a certa altura do discurso da entrega dos prémios, em que Salazar anuncia a censura de certas liberdades, ouço, da boca do ator que interpretava Salazar, uma citação de Séneca. Ainda na sala, enviei uma mensagem do meu iPhone para José Barreto: “Qual é a frase de Séneca citada por Salazar na entrega dos prémios literários de 1934?”. A resposta teve em mim um efeito de *eureka*: “Excerto do texto lido por Salazar na entrega dos prémios em 21 Fev. 1935, justificando a censura e a imposição de directrizes aos escritores e artistas: ‘. . . Mas virá algum mal ao mundo de se escrever menos, se se escrever e, sobretudo, se se ler melhor? Hoje, como na crítica de Séneca, em estantes altas até ao teto, adornam o aposento do preguiçoso todos os arrazoados e crónicas.’”⁵ Esta frase será, seguramente, a citação que Pessoa desejou incluir no cabeçalho de “Liberdade.” Também as datas batem certo: o discurso é de 21 de fevereiro, o poema de 16 de março de 1935. Há um outro dado muito importante que talvez tenha sido esquecido durante muito tempo: Jorge de Sena, que publicou um famoso tríptico de poemas anti-salazaristas em *O Estado de São Paulo* a 20 de Agosto de 1960 – “Antonio de Oliveira Salazar”, “Este senhor Salazar” e “Coitadinho” – esclareceu, em 1974, o seguinte: “Nos papéis de Fernando Pessoa (não na lendária mala, mas numa outra que a família do poeta generosamente nos

⁵ Comunicação pessoal. Anterior à publicação de *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar* (2015).

facultou examinar e que até então era desconhecida) encontramos há uns anos esta tripla sequência, juntamente com o poema ‘Liberdade’ (que foi publicado na *Seara Nova*, em 1937), com a sátira ‘Sim, é o Estado Novo, e o Povo’“ (255).

(Incluo aqui, necessariamente, um relevante parêntese: o meu *eureka*, experimentado na sala de projeção, durou apenas umas poucas semanas, visto que eu apenas vim reencontrar o que Luís Prista havia já descoberto, entre 2000 e 2003, e publicado no artigo que aqui citei e que o próprio me deu em 2005, na Biblioteca Nacional de Portugal. Eu havia lido o artigo, mas esquecera-o parcialmente: recordava-me bem do texto pelas suas críticas ao livro de Manuela Nogueira – que conheci, precisamente, em 2005 – e não pela descoberta da frase de Séneca. Fascinava-me esse texto minucioso por criticar em tantas páginas a ausência do artigo “as” antes de “crianças”, e a minha memória não reteve essa outra questão tão preciosa: a descoberta da epígrafe em falta. Enfim. Avancemos. . .)

O poema “Liberdade”, que teve uma circulação clandestina em 1935 e que foi bem compreendido pelos diretores da revista *Seara Nova*, que só em 1937 conseguiram que o poema fosse aceite pela censura, passou a ser lido como um poema menos irónico, mais ligeiro e até pedagógico após a publicação, por Manuela Nogueira, do livro *O Melhor do Mundo são as Crianças* (1998), que viria a induzir em erros subsequentes. Descontextualizado, desmaterializado, despossuído da epígrafe e inserido em livros de tiragem comercial, “Liberdade” deixou de ser um hino a favor da Liberdade, uma bandeira anterior à Revolução dos Cravos, e converteu-se num poema que demonstrava quão bom era Pessoa com as crianças e quanto gostava delas. Não desejo aqui afirmar o contrário, mas parece-me que este caso exemplifica bem até que ponto o sentido de um texto, e nomeadamente de textos políticos, dificilmente pode ser inferido sem atender à história e ao contexto da publicação e da circulação do escrito, já não falando da importância filológica do local de

pouso, da localização de uma folha num arquivo e das características materiais de todo o escrito.

Para esclarecer estes pontos, o artigo de Luís Prista, “O melhor do mundo não são as crianças,” já tantas vezes citado – voltei a lê-lo enquanto escrevia este texto – parece-me decisivo. Primeiro, Prista resgata um testemunho de Pedro da Silveira, que é importante porque prova que o poema “Liberdade” foi escrito para ser publicado e que foi rejeitado pela censura em 1935, antes de ter sido publicado em 1937. Este é o testemunho, publicado em julho de 1974, depois da revolução de 25 de Abril:

Hoje, é finalmente possível revelar-se a esse respeito o que antes de 25 de Abril era de todo impossível. Pelo menos desde 1932, um dos jovens amigos de café de F. Pessoa era Manuel Mendes. Foi a ele que o poeta entregou o poema “Liberdade”, acabado de passar à máquina, para que, se assim o entendesse, e na *Seara* o quisessem, lá saísse. Quiseram; mas o lápis do censor, ante a última estância (*O mais do que isto | E Jesus Cristo, | Que não sabia nada de finanças | Nem consta que tivesse biblioteca. . .*), embirrou com o terceiro verso dela: “. . . não sabia nada de finanças”. Entenderia o tropa que manejava o lápis que era uma alusão a. . . Salazar. Só dois anos corridos outro censor deixou passar.

É esta a história, sem dúvida edificante, de Fernando Pessoa ter sido um ‘seareiro’. . . póstumo. (“Nota adicional” a Jorge de Sena, “Quatro poemas anti-salazaristas de Fernando Pessoa”. *Seara Nova* 1545 (Julho 1974): 20, *apud* Prista 224)

Pessoa poderia, portanto, ter sido searista, e só não o foi devido ao poder da censura. Em segundo lugar, Prista estabelece uma cronologia muito esclarecedora do ano de 1935 (231):

19 de Janeiro	É apresentado o projeto de lei das Associações secretas
4 de Fevereiro	Fernando Pessoa publica o artigo “Associações Secretas”
21 de Fevereiro	Salazar discursa na sessão dos prémios do SNP
14 de Março	Artigo de Rolão Preto fecha a polémica na imprensa
16 de Março	“Liberdade”
segunda década de Março	“Salazar é mealheiro”
29 de Março	“António de Oliveira Salazar”
29 de Março	“Este senhor Salazar”
29 de Março	“Coitadinho”
4 de Abril	“Mata os piolhos maiores”
5 de Abril	Discussão e aprovação do projeto de lei
depois de 5 de Abril	“Solemnemente”
[1935]	“À Emissora Nacional”
29 de Julho	“Sim, é o Estado Novo, e o povo”
18 de Agosto	“Dizem que o Jardim Zoológico”
[segundo semestre]	“Eu fallei no “mar salgado””
8 de Novembro	“Meu pobre Portugal”
8-9 de Novembro	“Poema de amor em estado novo”
30 de Novembro	Morre Fernando Pessoa

Como pode constatar-se, os poemas anti-salazaristas de Pessoa – os mais conhecidos – datam de 29 de março de 1935; e “Liberdade” está datado de 16 de março desse mesmo ano. Tal bastaria para estar de acordo com uma apreciação de José Barreto: “Na minha opinião, ‘Liberdade’ não é um poema anti-salazarista da estirpe dos outros que se vão seguir, embora contenha farpas ao ditador e tenha sido suscitado pelo discurso do dito. Ou seja: é muito menos

explícito, é um bocadinho hermético em comparação com os poemas satíricos de 1935 sobre Salazar. É que este poema era mesmo para publicar, como também o prova a circunstância de a ortografia do dactiloscrito (118-55^r) ser diferente da habitual. Os outros poemas anti-salazaristas de 1935 nunca poderiam ter sido publicados, como é óbvio.”⁶ De facto, “Liberdade” parece abrir o caminho para uma espantosa antologia de poemas mais ou menos políticos que Pessoa, para se proteger, deixou guardados nas suas arcas e apenas partilhou com alguns amigos.

Refira-se, por último, a importância histórica que Pessoa deu ao discurso que Salazar proferiu a 21 de fevereiro de 1935, na distribuição de prémios no Secretariado de Propaganda Nacional, evento a que não assistiu. Num rascunho de carta de 30 de outubro de 1935 para Adolfo Casais Monteiro, Pessoa escreve (e parece próximo do George Orwell de *Animal Farm*) que, desde esse discurso de Salazar, “ficámos sabendo, todos nós que escrevemos, que estava substituída a regra restrictiva da Censura, ‘não se póde dizer isto ou aquillo’, pela regra sovietica do Poder, ‘tem que se dizer aquillo ou isto’” (Pessoa 1998: 282; cota 114¹-36). E acrescenta: “Em palavras mais claras, tudo quanto escrevermos, não só não tem que contrariar os princípios (cuja natureza ignoro) do Estado Novo (cuja definição desconheço), mas tem que ser subordinado às directrizes traçadas pelos orientadores do citado Estado Novo” (*idem*). Ou como afirma numa outra carta incompleta e nunca enviada, esta dirigida ao general Óscar Carmona, reeleito presidente sem opositor a 17 de Fevereiro de 1935, “Até aqui a Dictadura não tinha tido o impudor de, renegando toda a verdadeira politica do espirito – isto é, o pôr o espirito acima da politica – vir intimar quem pensa a que pense pela cabeça do Estado, que a não tem, ou de vir intimar quem trabalha a que trabalhe com a douta animalidade da Camara Corporativa

⁶ Comunicação pessoal.

livremente como lhe mandam” (*apud* Cunha 126; cota 92M-33^f). Para Fernando Pessoa, o discurso de Salazar, a 21 de fevereiro de 1935, marcou uma clivagem histórica. Foi o momento em que a “douta animalidade” dos cerdos começou a impor diretrizes e a alterar os sete mandamentos, para evocar de novo o romance de Orwell...

Tendo presente este contexto, e não esquecendo que Salazar foi nomeado ministro das finanças, não ecoa, porventura, diferente a leitura dos versos finais do poema?

O mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca. . .

Jesus Cristo, por oposição a Salazar, “não sabia nada de finanças” – supondo que Salazar tivesse sido um bom regente da cadeira de Economia Política e Finanças e um bom ministro – e, independentemente, da douta ignorância dos políticos, em tempos de nevoeiro, diz Pessoa, o melhor seria esperar por um super-Camões sebástico:

Quanto é melhor, quando há bruma,
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha ou não!

Em “Liberdade”, Pessoa assume ironicamente o papel do “preguiçoso” da tal citação de Séneca lançada por Salazar (“em casa dos sujeitos mais preguiçosos poderás encontrar tudo quanto há de discursos e de obras históricas em prateleiras que se erguem até ao tecto”⁷), tal como assumirá, no tríptico anti-salazarista, o papel do

⁷ Recorro à tradução – suprimindo apenas algumas repetições que procuram tornar o texto mais claro – do professor José António Segurado e Campos (*apud* Prista 238).

“Sonhador nostálgico do abatimento e da decadência” (baseado num trecho acusador do mesmo discurso de Salazar). Mais tarde virá a assinar o “Poema de amor em Estado Novo” – devo esta indicação a José Barreto – com uma outra acusação feita pelo poder salazarista à oposição: “o demoliberalismo Maçónico-comunista.” Nos poemas de 1935 já referidos, Pessoa não nega essas acusações, pelo contrário, assume-as, numa atitude de provocação, como quem diz: “Sou isso mesmo, e depois?” Compreendido deste modo, numa interpretação de José Barreto que subscrevo, o poema “Liberdade” torna-se um elogio provocatório da preguiça de que o ditador acusa os intelectuais da oposição. Não é um poema de combate aberto, como os outros, mas sim um poema de provocação velada.

Ora então, o suposto poema para a infância é, afinal, um poema para adultos inspirado pelo discurso de Salazar de 21 de fevereiro de 1935? A resposta inequívoca é sim. Dito isto, convém ainda esclarecer algumas questões referentes às nossas liberdades póstumas. Não querendo negar nem censurar, de forma alguma, outras leituras do texto, parece-me evidente que todo o trabalho crítico que não exclua a citação de Séneca – e um crítico poderá sempre argumentar que Pessoa, o próprio, não a inseriu – deverá partir de dois factos incontornáveis: a citação de Séneca (que Salazar foi buscar à obra *Da Tranquilidade da Alma*) e a alusão às “finanças” constante da última estrofe do poema remetem, sem sombra de dúvida, para Salazar e para o seu discurso de 21 de fevereiro de 1935. Neste contexto, a pergunta colocada por Prista (“Por que motivo não chegou o poeta a dactilografar a citação?”) é, sem dúvida, pertinente e até fascinante, mas talvez nunca chegue a encontrar resposta. Prista arrisca duas hipóteses: “Talvez porque buscasse a exacta frase em latim. Ou, porque quisesse Pessoa brincar com a erudição de Salazar, “alta uma citação de Séneca’ assumia a incapacidade de citar clássicos e era portanto remoque a constar na publicação?” (237). Eu admito, simplesmente, que não tivesse o poeta chegado a localizar a frase

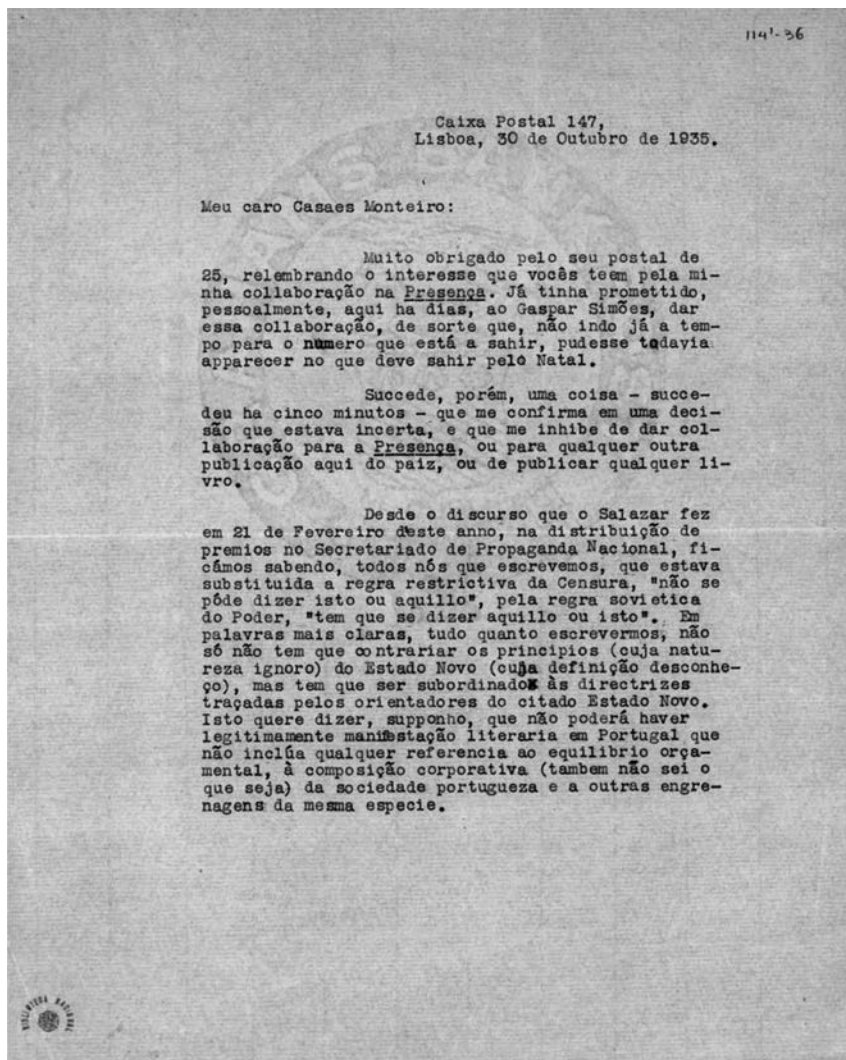
original, posto que o livro de Séneca não consta da sua biblioteca particular.⁸ Seja como for, parece-me hoje claro que esta epígrafe teria de ser localizada – como, aliás, aconteceu – mais nos discursos de Salazar, do que nas obras do moralista romano, como fez, de resto, Richard Zenith, que sugeriu como possível epígrafe uma passagem da carta 51 das *Cartas a Lucílio*: “Sabes em que consiste a liberdade? Em não ser escravo de nada, de nenhuma necessidade, de nenhum acaso; em lutar de igual para igual com a fortuna” (*apud* Pessoa 2006: 485).⁹ E o que faremos agora com este poema perturbador? Retirá-lo-emos dos manuais escolares e das antologias de divulgação?¹⁰ Espero que não. Seria esse um inestético gesto ditatorial. Porém, parece-me claro que os leitores desses livros ganhariam com a inserção, no *corpus* do poema, da citação de Séneca, com a correta fixação de alguns versos e com uma mínima contextualização do texto. Nas escolas poder-se-ia, então, começar a escrever,

⁸ Veja-se esta passagem do artigo de Luís Prista: “Chegaria Pessoa a procurar o trecho latino em livros da sua biblioteca pessoal? Na estante que foi do poeta e está hoje na Casa Fernando Pessoa há três volumes com obras de Lúcio Aneu Séneca – os dois tomos de *Seneca’s Tragedies (with an English translation by Frank Justus Miller, London-New York, William Heinemann-G. P. Putnam’s Sons, 1917)* e um livro que inclui o opúsculo *Apocolocyntosis (with an English translation by W. H. D. Rouse; London-New York, William Heinemann-G. P. Putnam’s Sons, 1916; a primeira parte do volume é para Petrônio, com tradução de Michael Heseltine)* –, nenhum com sublinhados ou notas por Pessoa. Também não seria aí que podia encontrar a frase que interessava, a qual pertence ao diálogo *De tranquillitate animi* (caps. 9 e 7), “*Apud desidiosissimos ergo uidebis quidquid orationum historiarumque est, tecto tenus exstructa loculamenta*” (238).

⁹ Zenith corrigiu essa informação em 2013; veja-se o resumo de um evento que decorreu na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, intitulado “Fernando Pessoa e o Estado Novo”: <http://bookcasefilms.blogspot.pt/2013/02/debate-na-fcsh-fernando-pessoa-e-o.html>

¹⁰ Recupero aqui uma nota do artigo de Luís Prista: “Na sua tese de mestrado, *A Antologia Escolar no Ensino do Português* (Braga, Universidade do Minho, 1987), Maria Sousa Tavares elenca os textos frequentes em antologias do 7.º ano de escolaridade e do antigo 3.º ano liceal, de 1905 a 1979, e com relance depois até 1985. Num dos cânones que colige, relativo aos períodos posteriores ao 25 de Abril de 74, ‘Liberdade’ é o poema de Fernando Pessoa que os manuais mais seleccionam, e o 21.º entre os textos de todos os autores. . . . Tenha-se em conta que os programas do 7.º ano de escolaridade, ao contrário do que acontece em outros níveis de ensino, nem obrigam à leitura de textos de Pessoa” (221).

em jeito de exercício, poemas provocatórios contra diversos tipos de regimes autoritários, disfarçados de poemas para a infância. Não foi Pessoa um fingidor e não poderemos nós ensinar, com proveito, o fingimento às crianças? Deixemos o repto no ar.



114-36

Caixa Postal 147,
Lisboa, 30 de Outubro de 1935.

Meu caro Casaes Monteiro:

Muito obrigado pelo seu postal de 25, lembrando o interesse que vocês tem pela minha collaboração na Presença. Já tinha prometido, pessoalmente, aqui há dias, ao Gaspar Simões, dar essa collaboração, de sorte que, não indo já a tempo para o número que está a sahir, pudesse tãdavia apparecer no que deve sahir pelo Natal.

Succede, porém, uma coisa - succedeu ha cinco minutos - que me confirma em uma decisão que estava incerta, e que me inhiibe de dar collaboração para a Presença, ou para qualquer outra publicação aqui do paiz, ou de publicar qualquer livro.

Desde o discurso que o Salazar fez em 21 de Fevereiro deste anno, na distribuição de premios no Secretariado de Propaganda Nacional, ficámos sabendo, todos nós que escrevemos, que estava substituida a regra restrictiva da Censura, "não se pôde dizer isto ou aquillo", pela regra sovietica do Poder, "tem que se dizer aquillo ou isto". Em palavras mais claras, tudo quanto escrevermos, não só não tem que contrariar os principios (cuja natureza ignoro) do Estado Novo (cuja definição desconheço), mas tem que ser subordinado às directrizes traçadas pelos orientadores do citado Estado Novo. Isto quiere dizer, supponho, que não poderá haver legitimamente manifestação litteraria em Portugal que não inclúa qualquer referencia ao equilibrio orçamental, à composição corporativa (tambem não sei o que seja) da sociedade portugueza e a outras engrenagens da mesma especie.

Rascunho de carta para Adolfo Casais Monteiro
(Pessoa 1998: 282; cota 114¹-36^r)

Obras citadas

- Cunha, Teresa Sobral. “Fernando Pessoa em 1935. Da ditadura e do ditador em dois documentos inéditos”, *Colóquio-Letras* 100 Novembro - Dezembro 1987: 123-131. Web.
- Eco, Umberto *et al.* *Interpretation and overinterpretation*. Ed. Stefan Collini. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1992. Print.
- Nogueira, Manuela. *O Meu Tio Fernando Pessoa*. Prefácio de Richard Zenith. Famalicão: Centro Atlântico, 2015. Print.
- Pessoa, Fernando. *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa, 2015. Print.
- . *Associações Secretas e Outros Escritos*. Lisboa: Ática. Obras de Fernando Pessoa, Nova Série, 2011. Print.
- . *Poesia do Eu*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim. Obra Essencial de Fernando Pessoa, Volume II, 2006. Print.
- . *Poemas 1934-1935*. Edição de Luís Prista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, Volume I, Tomo V, 2000. Print.
- . *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da “Presença”*. Edição e estudo de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Branca [“Estudos”], Volume II, 1998. Print.
- Pessoa, Fernando; Barba-Jacob, Porfirio. *Todos los sueños del mundo | Todos os sonhos do mundo. Poemas*. Edição bilingue com prefácio e notas, Jerónimo Pizarro. Trad. Jerónimo Pizarro e Gastão Cruz; colaboração, Paloma Fernández. Medellín: Tragaluz, 2012. Print.
- Prista, Luís. “O melhor do mundo não são as crianças”, Eds. Ivo Castro e Inês Duarte. *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003: 217-238. Print.
- Saraiva, Arnaldo. “Fernando Pessoa e Jorge de Sena”, *Persona*, n.º 5, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, Abril de 1981: 23-37. Print.
- Sena, Jorge de. “Os poemas de Fernando Pessoa contra Salazar e contra o Estado Novo” [1974], em *Fernando Pessoa & Cª Heterónima (estudos coligidos 1940-1978)*. Terceira edição revista e aumentada [1.ª ed. 1982]. Lisboa: Edições 70, 2000: 255-261. Print.
- Sousa, João Rui de “Fernando Pessoa e o Estado Novo”, *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 310 14 de Junho 1988: 10-13. Print.